



UFMT / museu de arte e de cultura popular ASSOCIAÇÃO MATOGROSSENSE DE ARTES

exposição de joão parisi filho

CIDADE UNIVERSITÁRIA – BLOCO DE TECNOLOGIA – 78.000 – CUIABÁ – MATO GROSSO

João Parisi Filho
nascido aos 24 de junho de 1942

Paulista Capital

1961 – I Premio Bienal Estudantil
Dante Alighieri
1961 – Exposição Individual Galeria
da ACM São Paulo
1963 – Coletiva I Salão do Trabalho
Galeria Fôlha SP
Individual Galeria La Ruche SP

1965 – Individual Galeria Dearte
Coletiva I Salão de Arte Contemporânea
de Campinas
1966 – Membro de Juri da 1ª Exposição
de Artistas Matogrossense
Campo Grande. MT
Individual Galeria Cosme Velho
Exposição Propostas FAAP em SP
1967 – Premio Nacional I Salão Ouro
Preto MG
Medalha de Prata Salão Paulista Arte
Moderna
Premio Nacional Desenho Bienal
Nacional Salvador Bahia
Premio – Grande Medalha de Ouro
III Salão de Campinas
Participação na mostra itinerante 12
mais um, Secretarias de Educação e
Cultura dos Estados do Pará, Sta Catarina
e Rio Grande do Sul.
1968 – IX Bienal de São Paulo
Salão de Curitiba
Participação da mostra
“O ARTISTA BRASILEIRO e a
ICONOGRAFIA de MASSA”
ESDI-RIO DE JANEIRO
Individual Cine Belas Artes “A NOITE
DO BANG BANG”
Grande Premio II Salão de Arte
Contemporânea São Caetano do Sul
1969 – Membro de Juri Salão Paulista
Arte Moderna X BIENAL DE

SÃO PAULO

1974 – Salão de Atibaia
Salão de São Caetano do Sul
Expo ARTE DEFEZA DA NATUREZA
Galeria ESPADE SP Capital
Consta seu nome obra ROBERTO
PONTUAL DICIONÁRIO DE ARTES
PLÁSTICAS DO BRASIL.

Tive muita surpresa e alegria, quando
tive a oportunidade de conhecer as
pinturas de João Parisi Filho, e através
delas eu, vislumbrei um mundo colorido,
alegre e delirante.

LEE FALK (CRIADOR DOS
PERSONAGENS MANDRAKE E
FANTASMA) São Paulo, novembro 1970

João Parisi Filho foi dos
principais artistas da
vanguarda paulista na
década de 60. Está ligado de
certa forma ao movimento
das artes plásticas em Mato
Grosso, pois faz parte da
Comissão Julgadora na
Primeira Exposição de
Pinturas dos Artistas
Mato-grossenses em 1966,
em Campo Grande.
O artista também
participou com alguns
trabalhos naquela mostra
que desencadeou o
movimento artístico neste
Estado através do
aparecimento da Associação
Mato-grossense de Artes, da
qual, aliás, foi um dos
primeiros estimuladores.

Desaparecido há cinco
anos do panorama
artístico nacional, o artista
retorna agora com novos
temas de caráter ecológico.

Este Museu achou por bem
mostrar a seu público
trabalhos que formalmente
identificam-se ao último
grande movimento das artes
plásticas – a Pop Art, bem
como trazer às discussões
assuntos relacionados com a
defesa do meio ambiente.

HUMBERTO ESPÍNDOLA
Diretor



AUTO APRESENTAÇÃO CRÍTICA

Depois de quase cinco anos de ausência do meio artístico seria pretensão conseguir tudo de cara.

Me lembro que na última expo que fiz em São Paulo, em 1970 meus principais intérpretes, então MARIO SCHEMBER, e JORGE MAUTNER, bem como o filósofo NELSON AGUILAR e o cineasta ROGERIO SGNAZERLA diziam que a fusão daquilo que sempre me caracterizara, isto é arte narrativa, estória em quadrilhos, comunicação visual numa feliz união de nossos arquétipos; os detetives, bandidos e mundanas se mesclavam com motoristas de caminhões, feirantes, gente de nosso povo. Os anos se passaram. O mundo mudou e com ele minha obra também foi se transformando.

Descortinaram-se sucessivas indas e vindas de novas formas de manifestações artísticas, e aquilo que o meu amigo JOSÉ ROBERTO AGUILAR e eu, preconizávamos nos anos sessenta, ia-se desemrolando nesses incícios dos setenta. Vivi e sobrevivi.

Agora os compromissos são outros, talvez, mas se as característica características fundamentais a gente carrega junto, invariavelmente as transformações do meio nos afetam. Se agora não busco mais os arquétipos, as nossas verdades não

fugiram do meu cenário.

Aprendi muito como o cinema, e se tivesse que estabelecer um esquema de influência, na minha obra atual, diria que toda ela se desenvolve na base do corte brusco, do closeup, do movimento feérico e livre; daquilo que seria por exemplo uma câmera na mão.

A linguagem direta, quase panfletária foi substituída por uma mais lúdica. Agora mais do que nunca, o público vai participar da linguagem (pois vai interpretá-la).

Se esse resultaso é ocasional, pois caberá a crítica julgá-lo, no que me tange, ainda é o choque do impacto plástico o mais importante.

Uma obra violenta como antes?

Talvez, mas, acima de tudo uma preocupação de obra bem cuidada.

Se o cinema, é antes de mais nada uma indústria, porque sua coirmã, as artes visuais, não poderão obter também um acabamento industrial?

Quanto ao conteúdo, e a temática, volto a fazer bichos virando gente, e vice versa, acidentes aéreos, terrestres, explosões, incêndios e bandidos.

Enfim, parece que isso significa que volto às minhas origens. JOÃO PARISI FILHO.

